

Índice

| | |
|---|----|
| <i>Introdução: A infelicidade como desígnio</i> | 11 |
|---|----|

PRIMEIRA PARTE: DUAS TEORIAS

| | |
|-----------------------|----|
| A Escola de Frankfurt | 23 |
|-----------------------|----|

| | |
|-------------------|----|
| A Escola de Viena | 49 |
|-------------------|----|

SEGUNDA PARTE: DUAS PRÁTICAS

| | |
|----------|----|
| Trabalho | 97 |
|----------|----|

| | |
|------|-----|
| Ócio | 123 |
|------|-----|

O que pedem os homens à vida e o que desejam obter dela? A resposta não pode ser dúbia. Os homens lutam para alcançar a felicidade; querem tornar-se felizes e manter-se felizes.

Sigmund Freud

Introdução

A INFELICIDADE COMO DESÍGNIO

Ao contrário de Hesíodo, não acredito na existência, em tempos longínquos, de uma idade do ouro mítica; nem acredito, com Pasolini, que a sociedade rural tenha oferecido aos nossos antepassados alguns milênios de sereno convívio campestre; assim como também não acredito, na esteira de Adriano Olivetti, que se possa criar uma comunidade feliz numa fábrica cheia de linhas de montagem. Tive a possibilidade, na primeira pessoa, de usufruir das vantagens proporcionadas pela indústria e de partilhar das esperanças com que, após a Segunda Guerra Mundial, iniciámos a experiência pós-industrial. Amadureci a consciência de que o mundo em que vivemos não é o melhor dos mundos possíveis, mas é certamente o melhor dos mundos que existiram até agora.

Explico porquê.

Nunca como agora o planeta foi habitado por quase oito mil milhões de seres humanos — em grande parte, instruídos, informados e interligados —, que todas as manhãs acordam e começam a pensar, e todas as noites adormecem e começam a sonhar. Nunca como agora 46% de todos os países do mundo foram governados de maneira democrática. Nunca tivemos tantas fábricas para produzir e tantos supermercados para consumir; nunca produzimos tantos bens e tantos

serviços utilizando tão pouca energia humana. Nunca como agora fomos capazes de criar em dez meses uma vacina para salvar milhões de vidas; nunca tivemos tantos analgésicos para debelar a dor física e tantos psicofármacos para aliviar o sofrimento mental. Nunca tivemos tanta informação e tão rápida, tantas próteses mecânicas e tantas engenhocas eletrônicas que nos ajudam a não esquecer, a não nos aborrecermos, a não nos perdermos, aumentando desmesuradamente a nossa realidade.

Mas não existe progresso sem felicidade e não se consegue ser feliz num mundo marcado pela distribuição desigual da riqueza, do trabalho, do poder, do saber, das oportunidades e das proteções. Esta desigualdade desumana não acontece por acaso, mas é um objetivo intencional e a consequência cabal de uma política econômica que tem por base o egoísmo, por método a concorrência e por desígnio a infelicidade. Já Karl Marx o tinha percebido muito bem:

Visto que, segundo Smith, uma sociedade em que a maioria sofre não é feliz [...], segue-se que a miséria social constitui o objetivo da economia política. [...] Os únicos motivos que põem em movimento a economia política são a *avareza* e a *guerra entre os avaros, a competição*.¹

Três mil por cento

O sistema pós-industrial em que vivemos é condicionado por dois fatores — o progresso e a complexidade — que expõem enormes desafios ao nosso desejo inato de felicidade.

¹ MARX, Karl, *Manuscritos Económico-Filosóficos*, Lisboa, Edições 70, 2017, pp. 98 e 144.

A ideia de progresso, os debates, as esperanças e os empreendimentos que suscitou, mas também as ruturas e as vítimas que provocou, constituem um dos capítulos mais fascinantes e terríveis da história da humanidade. Graças ao progresso, gozamos de uma prosperidade tão longa e crescente que nos fez interiorizar a ideia de que os recursos do planeta são infinitos e de que infinito é também o crescimento possível do PIB. Entre 2006 e 2017, Deirdre Nansen McCloskey publicou uma trilogia de 1700 páginas dedicada às virtudes, dignidade e igualdade burguesas², em que o mérito deste crescimento é atribuído à *inovação* do «Grande Pacto Burguês», ou seja, ao liberalismo e ao neoliberalismo. Nas suas palavras, cada um de nós enriqueceu *três mil* por cento e o enriquecimento irá difundir-se a nível mundial sem corromper o espírito humano.

Apesar destas declarações tão imprudentemente jubilosas, já antes do eclodir da pandemia de 2020 muitos renomados estudiosos da condição humana tinham vislumbrado nas brechas do tumultuoso progresso tecnológico, nas entrelinhas das relações domadas pelas agências de *rating* e por detrás da bonança de uma paz duradoura a ameaça de possíveis desgraças. Em 2007, Dominique Belpomme, especialista mundial em saúde ambiental, escreveu:

² Intitulados, respetivamente, *Bourgeois Virtues*, *Bourgeois Dignity* e *Bourgeois Equality*, os três publicados pela The University of Chicago Press (2006, 2010, 2017). Mais recentemente, foi publicada uma «síntese ligeira» escrita em conjunto com CARDEN, Art, *Leave Me Alone and I'll Make You Rich. How the Bourgeois Deal Enriched the World*, Chicago, The University of Chicago Press, 2020.

Há cinco cenários possíveis para a nossa extinção: o suicídio violento do planeta, por exemplo, uma guerra atômica [...]; o aparecimento de doenças graves, como uma pandemia ou uma esterilidade que determine um declínio demográfico irreversível; o esgotamento dos recursos naturais [...]; a destruição da biodiversidade [...]; e, por fim, as alterações extremas do nosso ambiente, como o desaparecimento do ozono estratosférico e o agravamento do efeito de estufa.³

Enquanto a covid-19 ceifava milhões de vidas, os humanos continuaram a destruir a biodiversidade, a esgotar os recursos naturais, a causar o desaparecimento da camada de ozono e a agravar o efeito de estufa.

Por agora sabemos que o Comunismo, com a queda do Muro de Berlim, foi derrotado, mas também sabemos que o Capitalismo não venceu porque, se o primeiro aprendeu a distribuir a riqueza, mas não a produzi-la, o segundo aprendeu a produzir riqueza, mas sem saber distribuí-la. Por outro lado, também sabemos que todo o progresso tem as suas vítimas, que quem promove o progresso tende a desinteressar-se das vítimas e que quem defende as vítimas tende a desinteressar-se do progresso.

O efeito global é o de uma contraposição entre dois extremos: os entusiastas acríticos, que olham para o progresso como um «violento assalto contra as forças desconhecidas, para as reduzir à prostração diante do homem», como

³ BELPOMME, Dominique, *Avant qu'il ne soit trop tard*, Paris, Fayard, 2007, p. 194.

defendia o *Manifesto do Futurismo*⁴; e os pessimistas hiper-críticos, que olham para o progresso como causa perversa e irreduzível do envilecimento do homem. A estes é necessário acrescentar também aqueles que negam a própria existência do progresso, lamentando que já não haja meias-estações.

O desafio ansiogénico da complexidade

À inquietude despertada pela ideia de progresso acresce a ideia não menos perturbadora que os epistemólogos nos transmitem quando falam de complexidade. É convicção difusa que o progresso do conhecimento ocorra de maneira simples e linear, através de um gradual aumento do saber a que corresponde uma redução igualmente gradual da ignorância. Esta conceção cartesiana pressupõe a finitude do conhecimento humano em contraposição com a infinitude do conhecimento divino.

Do declínio deste modo de expor o problema nasceu aquilo que Edgar Morin designou de «desafio da complexidade».⁵ Ele recorda-nos que durante muito tempo as ciências humanas e sociais foram consideradas não fiáveis, pois careciam daquelas leis simples, claras e férreas, daqueles princípios determinísticos e inapeláveis que tornavam «exatas» as ciências naturais. Depois, demo-nos conta de que as ciências naturais também sofrem das incertezas, da desordem, da relatividade, das contradições, da pluralidade, das complicações

⁴ Publicado em francês no *Le Figaro*, 20 de fevereiro de 1909, por Filippo Tommaso Marinetti.

⁵ A designação dá também título ao precioso volume coletâneo de BOCCHI, Gianluca, e CERUTI, Mauro (eds.), *La sfida della complessità*, Milão, Feltrinelli, 1985.

que encontramos em todos os processos de conhecimento. E começou o desafio ansiogénico da complexidade.

O conceito de complexidade desfaz a ideia de que o conhecimento — científico e humanístico — é um procedimento ordenado, uma passagem progressiva de uma zona escura que vai diminuindo para outra zona iluminada a aumentar. Como escreve Mauro Ceruti, «a cada aumento do conhecimento corresponde um aumento da ignorância, e a novos tipos de conhecimento correspondem novos tipos de ignorância».⁶ Cada descoberta nossa é acompanhada pelo lamento de que a parte ignorada da realidade e do saber extravasem sempre a nossa bagagem cognoscitiva. Por isso, «enfrentar o desafio da complexidade é uma necessidade do pensamento e, sobretudo, um imperativo ético, um imperativo de sobrevivência»⁷.

Dois desafios, duas respostas

Em comparação com a sociedade industrial, que descobriu um arco temporal de dois séculos entre meados do século XVIII e meados do século XIX, a atual sociedade pós-industrial distingue-se por um progresso mais rápido, radical e penetrante, e por uma maior complexidade do sistema socioeconómico e político. Por isso, o progresso e a complexidade, dos quais somos, em simultâneo, artífices, beneficiários e vítimas, representam dois grandes desafios do nosso tempo.

⁶ CERUTI, Mauro, «La hybris dell’onniscienza e la sfida della complessità», BOCCHI, Gianluca, e CERUTI, Mauro (eds.), *La sfida della complessità*, op. cit., p. 33.

⁷ CERUTI, Mauro, e BELLUCCI, Francesco, *Abitare la complessità. La sfida di un destino comune*, Milão/Udine, Mimesis, 2020, p. 19.

Entre os vários grupos de pensadores que enfrentaram estes desafios no Ocidente, exerceram particular influência a Escola sociológica e marxista de Frankfurt e a Escola econômica e neoliberal de Viena: a primeira, interessada numa distribuição de riqueza e de poder mais justa para as massas subalternas, apelando à coletividade e confiando na intervenção estatal; a segunda, interessada em concentrar o máximo possível de recursos e poder nas mãos da elite dominante, apelando ao indivíduo e reduzindo ao mínimo o papel do Estado. A disputa entre as duas durou muitas décadas e, atualmente, quem aparece como vencedor é o grupo vienense, com consequências devastadoras para o bem-estar e a felicidade de milhões de seres humanos. O seu domínio intelectual, agora planetário, é o resultado de uma contenda entre duas concepções opostas do indivíduo, da sociedade, da economia e das necessidades humanas.

Parece-me, por isso, útil, na primeira parte do livro, cotejar a história, o pensamento, o método destes dois poderosos grupos criativos para compreender as razões que conduziram aos resultados atuais. Um campo de debate particularmente discordante foi o do papel, do valor e da organização da vida ativa nas suas expressões do trabalho e do ócio. Por isso, dediquei a segunda parte do livro a este tema.

Estou imensamente grato a quatro pessoas que em muito me ajudaram: ao Andrea Bosco, da editora Einaudi, por me ter encorajado com suave intransigência a escrever este livro; ao Giorgio La Malfa, por me ter dado informações úteis sobre as circunstâncias que induziram John Maynard Keynes a escrever *Economic Possibilities For Our Grandchildren*⁸;

⁸ Parte V da coletânea *Essays on Persuasion*. [N. do T.]

à Elisabetta Fabiani e à Miriam Mirolla, por terem lido e corrigido o texto com afetuosa atenção.

Estou também grato à Sara Latella pela preciosa leitura final do livro.

A democracia segue dois extremos. Por um lado, reduz-se à arte de guiar um rebanho sem que este se revolte, usando todos os meios para o amansar. Por outro lado, tende para a exigência constantemente renovada e constantemente aprofundada de as pessoas pensarem em conjunto.

Isabelle Stengers